

# Eleições para a prefeitura de Fortaleza em 2016

**Rejane Vasconcelos Accioly Carvalho**

## Resumo

Este texto focaliza as estratégias eleitorais utilizadas por dois candidatos que disputaram a prefeitura de Fortaleza em 2016, chegando às seguintes conclusões: 1) a vitória de Roberto Cláudio sobre o capitão Wagner, candidato apoiado pela oposição, confirma a hegemonia dos Ferreira Gomes na política estadual; 2) acontecimentos da crise política nacional, como o escândalo da “Lava Jato” e o processo em andamento do *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff, tiveram reduzida influência na disputa municipal em Fortaleza.

**Palavras-chave:** campanhas eleitorais; hegemonia política; análise do discurso; política municipal; discursos eleitorais.

## Abstract

The propose of this paper is to analyze the electoral strategies used by two candidates in campaign for mayor of Fortaleza in 2016, resulting in the following conclusions: 1) the Ferreira Gomes family support was the most important condition for de victory of Roberto Cláudio against captain Wagner, his principal opposer, as a clear confirmation of the political hegemony of this group in the political scenery of Ceará, Brazil; 2) national political crisis events, such as the corruption scandal known as “Lava Jato”, and the impeachment process of former president Dilma Rousseff, have not had a decisive effect on the municipal election results in Fortaleza.

**Keywords:** electoral campaigns; political hegemony; speech analysis; municipal politics; electoral speeches.

Artigo recebido em 7 de junho de 2018 e aprovado pelo Conselho Editorial em 9 de novembro de 2018.

---

## Sobre a autora

Rejane Vasconcelos Accioly Carvalho é doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1998); sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará; pesquisadora do Laboratório Estudos de Política, Eleições e Mídia (LEPEM); publicou vários artigos em periódicos nacionais e livros, dentre os quais destacamos: *Transição democrática brasileira e padrão midiático publicitário da política* (Pontes Editores/UFC, 1999), *Campanhas eleitorais e comunicação midiática* (Edições UFC, 2013). E-mail: rejaneacarvalho@terra.com.br

## Introdução

Este texto aborda a disputa eleitoral de 2016 para a prefeitura de Fortaleza, Ceará, questionando em que medida mudanças ocorridas na esfera federal, como o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, do PT, e a posse de Michel Temer, do PMDB, repercutiram no poder do grupo político dos irmãos Cid e Ciro Ferreira Gomes, que, mesmo sem ocupar nenhum cargo político, detinham posição hegemônica na política estadual.

Admitia-se a hipótese de que as eleições municipais daquele ano poderiam se configurar como de transição, alterando o desenho da política estadual, com o fortalecimento da oposição aos Ferreira Gomes.

Apesar dos dados que apontam para a atual hegemonia dos Ferreira Gomes na política estadual, a campanha de 2016 apresentava alguns aspectos que sugeriam possibilidades de seu declínio: em 2014 Tasso Jereissati, candidato de oposição, venceu a eleição para a única vaga ao Senado; não mais contavam com o apoio do governo federal, considerando que o presidente Michel Temer (PMDB) era não apenas adversário, mas desafeto pessoal dos irmãos Ferreira Gomes, que a ele endereçaram (e endereçam) duras ofensas que lhes renderam inclusive processos judiciais; e, finalmente, o mando do PMDB estadual estava em mãos de seu opositor, senador Eunício de Oliveira.

Outro objetivo é esclarecer a importância da noção de “grupo político” para o entendimento da dinâmica política cearense, justificando a tentativa de conceituação esboçada em tópico específico deste texto.

### “Grupo político”: o que isso quer dizer?

Embora as descrições e análises da política estadual no Brasil, e mais especificamente no Ceará, sempre recorram à nomeação de “grupo político”, não se atribui ao termo um estatuto teórico. Em que medida é possível considerá-lo mera herança do padrão tradicional da política ou, na verdade, detentor de especificidades e flexibilidade que o ajustam ao padrão atual?

A análise da política tradicional brasileira destaca suas raízes rurais na elucidação das formas de controle sobre os eleitores.

O poder econômico dos proprietários de terra convertia-se diretamente em controle político, ou seja, os votos daqueles reconhecidos como “gente do coronel sicrano” não precisavam ser conquistados, na medida em que eram considerados obrigação devida aos seus donos. Aceitava-se o patrimonialismo, definido pela ausência de fronteiras entre o público e privado, como condição “natural” da política. Do mesmo modo, o personalismo estaria na origem da política tradicional, remetendo para a noção correlata de “chefe político” atribuída aos que, na esfera dos municípios, de modo especial do interior e na política estadual, detinham “bases eleitorais” que lhes garantissem força política nas disputas eleitorais. A expressão “chefe político” tem origem no contexto de sociedades predominantemente rurais nas quais o domínio dos patrões se estendia de forma direta sobre as relações sociais e políticas, justificando assim a nomeação pejorativa de “currais eleitorais”. O poder de um chefe político é avaliado por sua capacidade de controle de votos em determinado território, de forma única ou compartilhada, que é considerado sua “base eleitoral”. A noção de bases eleitorais” assume significados distintos quando aplicada a diferentes tipos de eleições. Nas municipais (prefeito e vereador) reporta-se a laços mais diretos estabelecidos entre candidatos e eleitores caucionados por formas de atendimento de demandas econômicas ou troca de favores, que resultam em uma adesão relativamente estável traduzida em votos. Nas eleições estaduais e federais, as relações dos candidatos com os eleitores na conquista de votos são mediadas pelos “chefes políticos” municipais, que podem ser prefeitos, vereadores ou lideranças com influência sobre segmentos do eleitorado. A origem familiar é uma característica sempre invocada para justificar a origem e o prestígio de chefes de grupos políticos.

No Brasil as expressões “chefe político”, “curral eleitoral” e “voto de cabresto” continuam a ser utilizadas mesmo quando a urbanização, industrialização, mudanças na economia rural e ampliação da presença do Estado alteraram significativamente formas anteriores de controle social e político. Vale ressaltar que, apesar de não termos no Brasil eleições distritais, deputados estaduais e federais consideram como suas “bases eleitorais” os municípios ou regiões onde obtiveram significativa concentração de votos e para as quais direcionam grande parte de suas atividades parlamentares

em busca de atender “pleitos” daqueles que consideram representar de forma mais direta. (Bezerra, 1999)

Para a maior parte dos analistas (entre outros: Lemenhe, 1995; Queiroz, 1976) os parâmetros da política tradicional, condensados no conceito de coronelismo, predominantes no Brasil durante a chamada República Velha, tenderam a diluir-se, ou mesmo desaparecer, face ao avanço do processos de urbanização e industrialização registrados a partir da década de 30 do século XX, quando o direito de voto foi estendido a grande parte da população. A permanência da política tradicional passa a ser admitida, principalmente em regiões que não acompanharam o desenvolvimento nacional, caso do Nordeste, ou, ainda, quando se reconhece a existência das mazelas de uma herança a serem reparadas por propostas de reformas políticas (Bursztyn, 1984).

O clientelismo enquanto “política do favor”, troca de benefícios entre candidatos e eleitores em relações assimétricas de poder, era “naturalizado” como traço da política brasileira e, só mais recentemente, ganha destaque na mídia ao ser reconhecido como corrupção eleitoral sujeita a sanções legalmente previstas.

A hipótese proposta é que a noção de grupo político ajusta-se à compreensão da política cearense em diferentes contextos políticos não apenas do passado, mas da atualidade, e mais, essa é uma característica que se aplica a outros estados do país. Entretanto, reserve-me a mencionar alguns exemplos ilustrativos no Ceará.

A centralização política do período militar pós-1964 não impediu que os grupos políticos chefiados pelos coronéis Virgílio Távora, César Cals e irmãos Bezerra dominassem a política estadual. Com a oficialização de sublegendas da Arena, o bipartidarismo amoldava-se às disputas entre os grupos políticos existentes nos municípios. As disputas entre situação e oposição aconteciam com frequência entre grupos políticos filiados ao mesmo partido, a Arena. Considerando que a escolha do governador não se fazia por voto direto, mas por indicação do governo militar, quem ocupava o cargo cuidava de organizar ou fortalecer seu grupo político nos municípios, demonstrando sua força com a eleição do maior número possível de prefeitos, vereadores, deputados federais e estaduais. Cada um dos três chefes de grupos políticos estaduais vinculava-se a chefes políticos municipais que o apoiavam e eram por ele apoiados. A lealdade ao chefe dificultava a fragmentação, fortalecendo

os laços de coesão interna de cada grupo político. O depoimento do ex-deputado estadual Manoel de Castro, virgilista convicto, expressa exemplarmente essa fidelidade em depoimento ao afirmar que, mesmo tendo bases eleitorais em vários municípios, optava por continuar um “soldado” do seu grupo:

Eu, por exemplo, elegi e ajudei a eleger cinco deputados estaduais e no entanto não quero ser chefe político. Sou amigo dos meus amigos. Não tenho essa vaidade de querer chefiar, não, mas, modéstia à parte, eu já teria condição de chefiar um grupo, muitos colégios eleitorais têm vindo a mim e eu digo, não, fique onde está, eu estou pronto para ajudar mas não vamos dividir mais isso não.<sup>1</sup>

Com a redemocratização, na década de 1980, as posições dos grupos políticos anteriores foram duramente atingidas. Candidato ao governo do estado em 1986, o empresário Tasso Jereissati derrota o coronel Adauto Bezerra, estigmatizado como representante das “forças do atraso”. Quais readaptações acontecem com as forças políticas locais pós-redemocratização? A questão posta é por demais complexa para ser aqui respondida, o que me leva a destacar apenas alguns aspectos no que se refere à organização de novos grupos políticos. Tasso, candidato a governador em 1986, sem nunca ter antes exercido mandato político, não construiu sua carreira política em bases municipais exatamente porque seu início aconteceu com o retorno à democracia, momento de inflexão da política nacional, que afetava a estadual. Outro fator de diferenciação do tassismo é que, em sua origem, ele se apresentava como representante de uma associação empresarial, o Centro Industrial do Ceará (CIC), e seu discurso era o de modernização da política cearense. Entretanto é inegável que o domínio personalizado persistia, o que se revela na denominação de uma era política por quem a protagonizou: tassismo.

Para conservar a hegemonia na política cearense por mais de 20 anos, Tasso dificilmente poderia dispensar a busca de apoio de chefes políticos municipais. A regra do adesismo não apenas permaneceu, mas se fortaleceu, ajudando a entender os ciclos políticos de

---

1. Entrevista concedida à autora pelo ex-deputado estadual Manoel de Castro em 1998.

longa duração que se instalaram na política cearense pós-redemocratização (Carvalho, 2013). A oposição passa a ser praticamente inexistente, sugerindo que integrar o grupo político hegemônico é praticamente indispensável à sobrevivência política na medida em que o atendimento de demandas políticas das bases eleitorais depende cada vez mais de acesso a recursos e programas governamentais. Perde importância o velho clientelismo feito com recursos próprios. É o que fica explícito na afirmação de Edson Oliveira Nunes, para quem os políticos locais são meros “corretores”:

Recursos materiais do Estado que vão dos altos escalões até as localidades desempenham papel crucial na operação do sistema, os partidos políticos, isto é aqueles que apoiam o governo, têm acesso a inúmeros privilégios através do aparelho do Estado. [...] As instituições formais do Estado ficaram tão altamente impregnadas por esse processo de troca de favores que poucos procedimentos burocráticos acontecem sem uma mãozinha. [...] esse sistema de troca não apenas caracteriza uma forma de controle do fluxo de recursos materiais da sociedade, mas garante a sobrevivência do “corretor” local. (Nunes, 2010, 53)

Ao término do seu primeiro governo, em 1990, Tasso indica Ciro Ferreira Gomes como seu candidato, que se elege com a tarefa de preservar o que ficou conhecido como “projeto mudancista”. Na condição de governador, Ciro não trabalhou para se tornar chefe de um grupo político próprio na política estadual, mas optou por investir em ascender à política nacional, tendo sido ministro da Fazenda de setembro de 1994 a janeiro de 1995 e duas vezes candidato a presidente do país em 1998 e em 2002.

No Ceará sua imagem manteve-se vinculada à do seu patrono, Tasso Jereissati, que retorna ao governo em 1994 e é reeleito em 1998 (com vitórias em 1º turno), configurando um ciclo político com longevidade e hegemonia nunca antes alcançadas na política cearense. Em 2002, Tasso elege-se para o Senado em uma disputa eleitoral muito competitiva. Lúcio Alcântara, candidato do seu partido, o PSDB, é eleito em segundo turno para o governo do Estado. A conjuntura nacional, com a eleição de Lula para presidência, sinalizava o declínio do tassismo sem que outro grupo político ganhasse visibilidade na política estadual. Lúcio Alcântara, de

família política de tradição desde antes de 1964, não se empenhou no decorrer de sua gestão em construir um grupo político próprio e por consequência não se fortaleceu na condição de chefe político estadual. Em 2006, frustrado na pretensão de contar com o apoio de Tasso para sua reeleição, Lúcio Alcântara percebe, tardiamente, que lhe faltavam bases eleitorais próprias, ou seja, ele não angariara para si os ganhos do situacionismo e não lhe restava tempo nem legitimidade para se apresentar e ser reconhecido como candidato de oposição. Resultado inevitável: derrota para Cid Ferreira Gomes, (irmão de Ciro) filiado ao PSB, que contava com o apoio informal de Tasso e apresentava-se coligado ao PT e PMDB, forças políticas em ascensão no cenário nacional.

A vitória de Cid ao governo do estado em 2006 oferece pistas sobre a atuação dos grupos políticos que transcende a ação dos partidos que funcionam principalmente como siglas institucionais e abrigam políticos em função de interesses conjunturais. Não é a filiação a um determinado partido que marca a identidade de um grupo político, mas o reconhecimento pessoal de quem exerce sua chefia. A partir da eleição de Cid Gomes para o governo estadual pelo PSB em coligação com o PT e PMDB, ocorre uma progressiva autonomia do seu grupo político que, angariando as vantagens do situacionismo no plano federal e estadual, já não dependia do apoio de Tasso (ainda que contasse informalmente com ele). O rompimento definitivo acontece em 2010, quando o governador Cid Gomes deixa de apoiar a candidatura de Tasso ao Senado para apoiar a de seus opositores, Pimentel, do PT, e Eunício de Oliveira, do PMDB (Carvalho, 2012).

Como fica implícito na própria nomeação dada pela mídia, “os irmãos Ferreira Gomes” passam a ser reconhecidos como chefes de um “grupo político” estadual cuja gramática é determinada não por filiações partidárias, mas pela capacidade de agregar seguidores que os apoiam e a quem retribuem apoio político. A força desse grupo pode ser constatada nos momentos em que, face às conveniências eleitorais, os Ferreira Gomes migraram de partidos políticos, levando com eles seguidores suficientes para tornar o partido no qual se abrigaram o maior do estado. Foi o que aconteceu em 2005, com a migração dos Ferreira Gomes do PSB para o PPS, e em 2006, para o PROS, partidos que, como em um passe de mágica, tornaram-se os maiores do Ceará.

Em 2012, com a vitória de Roberto Cláudio, candidato do PROS para prefeitura de Fortaleza, instala-se um situacionismo verticalizado, ou seja, governo federal, estadual e municipal estavam do “mesmo lado”, se não dos interesses dos cearenses (invocados em campanha), certamente do grupo político dos Ferreira Gomes, em nome do qual se elegera. Outro exemplo que evidencia a força do grupo político dos Ferreira Gomes foi a vitória de Camilo Santana ao governo do Estado, em 2014, candidato filiado ao PT, mas na verdade reconhecido como “cidista”. Em 2016 ocorre mais uma migração partidária desse político, do PROS para o PDT, que imediatamente torna-se o maior partido do estado, passando a comandar 68 prefeituras de municípios do interior e a capital, Fortaleza. As prefeituras administradas por partidos aliados (PT e PSD) ampliam o raio de atuação do grupo político para 122 prefeituras. Em reunião com aliados para decidir os rumos políticos visando às eleições de 2016, é emblemática a invocação feita por Cid Gomes aos laços de lealdade pessoal e da confiança mútua como fundamentos da força do grupo político:

Nós temos absoluta consciência de que eu, o Ciro, o Zezinho e a Isolda, de que a **nossa força é a do grupo que confia em nós. O que queremos fazer na vida pública é amigos, e amigos se faz repartindo com eles momentos bons e ruins.** Esse é um momento difícil, principalmente para aqueles que passarão por processo eleitoral. O Ciro não será candidato, nem eu, mas podem ter certeza que estaremos ao lado de vocês na dificuldade para que possamos vencer na maior quantidade possível de municípios, para ter o poder de fazer o bem, continuar a lutar por um mundo melhor. (O Povo, 2016)

Em síntese, os dados mencionados possibilitam que algumas considerações embrionárias sobre a noção de grupo político sejam feitas:

- A noção remete para a política real, desde a instância de laços entre políticos e eleitores nas “bases eleitorais municipais” (nas disputas para prefeito e vereador) até relações que se estabelecem com candidatos ao parlamento e a cargos majoritários que buscam nos chefes políticos municipais apoio para a constituição de redutos eleitorais que lhes garantam os votos necessários para serem eleitos;



- A organização de um grupo político pressupõe a existência de um chefe com características pessoais de liderança e possibilidades efetivas de contatos políticos em âmbito estadual ou nacional que tornem plausíveis suas pretensões de agregar seguidores políticos.
- A noção de grupo político permite o entendimento das características tradicionais da política brasileira (clientelismo, patrimonialismo e personalismo) que se amoldam às exigências da modernização das relações políticas quando recorrem a formas diferenciadas de acesso a programas governamentais. A “política do favor” tende a assumir formas menos explícitas (caso da compra de votos em dinheiro) e não individualizadas, de troca entre candidatos e eleitores, para converter-se em distribuição preferencial de recursos públicos direcionados às bases eleitorais de grupos políticos.
- As disputas em âmbito municipal ou estadual são travadas, principalmente, não entre partidos, mas entre grupos políticos que se reconhecem como antagônicos em suas pretensões de conquista de poder;
- A ligação de grupos políticos com partidos depende das oportunidades oferecidas às suas lideranças para disputar cargos que os fortaleçam em relação a seus opositores. Os partidos constituem a face institucional do jogo político, porém seu tamanho e importância nos estados variam em função da força dos grupos políticos que circunstancialmente neles se abrigam;
- A dimensão das coligações partidárias firmadas por grupos políticos hegemônicos, que em determinados casos incluem mais de 18 partidos, é indicativa das dificuldades postas à formação de grupos de oposição com capacidade significativa de confrontação, o que contribui para acentuar o situacionismo.
- O discurso político nas disputas municipais se moderniza com o uso de formas de comunicação midiáticas e estratégias de marketing, mas o que se pretende é menos transmitir um “projeto de gestão” do que oferecer a perspectiva de vitória da qual seus seguidores serão beneficiários. A adesão a grupos políticos é basicamente pragmática e não implica lealdade duradoura ou incondicional a seus chefes.

- O fenômeno da “infidelidade” partidária, da migração partidária e da criação de novos partidos explica-se principalmente por interesses de chefes de grupos políticos na luta por garantir ou expandir suas posições de poder.

## **O cenário da campanha eleitoral em Fortaleza**

Como já mencionado, o cenário nacional das eleições municipais de 2016 foi marcado por desdobramentos diários de denúncias de corrupção que levaram à prisão políticos e empresários das maiores companhias do país e que atingiram os principais partidos políticos, mas de modo especial ao PT, por ser o partido que estava no governo federal.

No plano local aprofundavam-se as tensões entre o PT e os Ferreira Gomes, evidenciando a impossibilidade de coligação entre eles na disputa pela prefeitura de Fortaleza. Embora a direção estadual do partido fosse favorável ao apoio a Roberto Cláudio, candidato do PDT a reeleição, e o governador Camilo Santana (PT) apoiasse explicitamente essa candidatura, o diretório municipal do PT em Fortaleza, que é oposição aos Ferreira Gomes, lançou Luizianne Lins como candidata do partido.

Prefeita de Fortaleza por duas gestões (de 2004 a 2008 e de 2008 a 2012) e não contaminada pelos escândalos de corrupção da “Lava Jato”, esperava-se que Luizianne Lins se apresentasse como forte adversária de Roberto Cláudio, com discurso político direcionado preferencialmente ao eleitorado mais pobre da periferia da cidade, mas também aos petistas que pretendessem defender o legado social do partido. Sem apoio de outros partidos de esquerda, Luizianne contava apenas com 1 minuto e 24 segundos no programa eleitoral gratuito na TV, o que trouxe dificuldades para sua campanha e não lhe proporcionou votos suficientes para levá-la ao segundo turno.

Vale destacar que, no plano nacional, os Ferreira Gomes e o PDT mantiveram apoio ao PT, orientando seus deputados a votar contra o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff. Em entrevista ao jornal *O Povo* (2014), quando indagada sobre quem apoiaria para a prefeitura de Fortaleza, Luizianne ou Roberto Cláudio, Dilma Rousseff apelou para uma não resposta: “mineiramente falando eu diria que votaria nos dois, já que ambos são da minha base aliada”. O ex-presidente Lula, apesar de reunir-se com

o grupo dos Ferreira Gomes e com o governador Camilo Santana, deixou clara sua preferência pela candidatura de Luizianne ao participar como orador da convenção da Frente Brasil Popular, que oficializou em 1º de agosto o lançamento da candidatura petista.

A oposição ao candidato dos Ferreira Gomes unia ex-aliados que se consideravam por eles traídos: Tasso Jereissati(PSDB) e Eunício Oliveira (PMDB), que apoiaram o lançamento da candidatura a prefeito do então deputado estadual, Capitão Wagner, filiado ao PR.

A Coligação PR-PSDB-PMDB constituía razoável suporte partidário para a candidatura do Capitão Wagner.

Na pré-campanha o confronto aberto entre Ciro Gomes e Tasso Jereissati ganhou manchete no jornal *O Povo* (“Campanha em Fortaleza abre crise entre antigos aliados”, 2016), com bombástica acusação de Ciro feita em entrevista à rádio Tupinambá de Sobral no dia 29 de julho, de que Tasso quando governador teria dado ordem para atirar em policiais civis e militares durante a greve de 1979: “eu estava junto com Tasso quando ele mandou atirar nos grevistas”. Qualificando o acusador de “desequilibrado”, Luiz Pontes, então presidente estadual do PSDB, negou com veemência a acusação: “Mandar atirar? É brincadeira isso! Só mesmo a cabeça do Ciro para inventar uma coisa dessas”. A direção estadual do partido divulgou matéria em sua página no Facebook com afirmação de Ciro Gomes concordando com a prisão dos líderes da greve dos policiais em 1979: “Foi uma atitude correta, teve meu apoio. O que não entendo é como se pode apoiar politicamente esse tipo de marginal”. A referência explícita direcionava-se ao candidato apoiado por Tasso, Capitão Wagner, cuja notoriedade política deve-se a sua condição de liderança em greves da Polícia Militar.

A coligação partidária do candidato dos Ferreira Gomes, Roberto Cláudio (PDT), composta por PDT, PP, PTN, PRTB, PPS, PSL, PC do B, DEM e partidos menores, compoendo um total de 18 partidos, garantia-lhe tempo de TV praticamente igual ao de seu principal opositor, Capitão Wagner. A escolha do vice recaiu sobre o deputado federal Moroni Torgan, que havia sido candidato por duas vezes à prefeitura de Fortaleza e era reconhecido por sua vinculação à temática da segurança pública, na expectativa de que ela seria central na campanha em Fortaleza, avaliada em pesquisas como uma das capitais com mais altos índices de violência no país.

Heitor Ferrer, que com a entrada dos Ferreira Gomes no PDT, em 2015, saíra do partido, filiando-se ao PSB para candidatar-se a prefeito em 2016, esperava contar com o sentimento de insatisfação dos eleitores polarizados entre os dois candidatos apadrinhados (Roberto Cláudio e Capitão Wagner), reproduzindo a boa performance registrada nas eleições de 2012 como candidato ao mesmo cargo. Coligado apenas à Rede Sustentabilidade, e com poucos segundos de programação no horário eleitoral, suas expectativas foram frustradas.

Além dos candidatos previamente considerados competitivos – Capitão Wagner (PR), Roberto Cláudio (PDT), Heitor Ferrer (PSB) e Luizianne Lins (PT) – a disputa pela prefeitura de Fortaleza contou com as candidaturas de João Alfredo (PSOL), Ronaldo Martins (PRB), Francisco Gonzaga (PSTU) e Tin Gomes (PHS).

### **A campanha eleitoral para a prefeitura no HGPE da TV**

Uma das modificações da legislação para a campanha eleitoral de 2014 foi a redução do período da campanha – de 90 para 45 dias – e do tempo dos programas na TV e rádio. Os programas em rede de TV no 1º turno para cada candidato tiveram a seguinte duração: Capitão Wagner, três minutos e 20 segundos; Roberto Cláudio, três minutos e quatro segundos; Luizianne, um minuto e 24 segundos; Heitor Ferrer, 51 segundos; Tim Gomes, 32 segundos; Ronaldo Martins, 31 segundos; Tin Gomes, 22 segundos; João Alfredo, 13 segundos; e Francisco Gonzaga, sete segundos.

Restrinjo minha análise apenas às campanhas na TV dos dois candidatos que polarizaram a disputa no 1º turno e se enfrentaram no 2º: Roberto Cláudio e Capitão Wagner

#### *A campanha de Roberto Cláudio na TV: 1º e 2º turnos*

Antes do início da campanha, a avaliação da administração do prefeito era predominantemente positiva: considerada boa por 50% dos entrevistados, e regular por 38%, o que o colocava como candidato com grandes chances de ser reeleito para a prefeitura de Fortaleza e com presença certa em um possível segundo turno.

Se em 2012 Roberto Cláudio, como candidato do governador Cid Gomes, era um quase desconhecido do eleitorado, precisando

concentrar esforços na construção de sua imagem pessoal, em 2016 sua campanha à reeleição centrou-se na exposição da imagem de administrador competente, confirmada nas realizações de sua gestão. Sua candidatura tinha força própria e, sintomaticamente, o apoio dos Ferreira Gomes e do governador Camilo Santana (PT) não foi mencionado em nenhum dos programas do horário gratuito de propaganda eleitoral (HGPE) do 1º turno.

Na condição de candidato à reeleição, encontrava-se em uma dupla situação: a de governança e a de busca da conquista de votos para uma segunda gestão (Charaudeau, 2016, 70-1). Na primeira, seu discurso político para tornar-se crível não poderia ser essencialmente de promessa, mas de exposição de suas realizações como governante; na segunda, teria que apresentar um projeto de sociedade considerado melhor ou mais plausível que o de outros candidatos, justificando a adesão dos eleitores à sua pretensão de um outro mandato.

As estratégias discursivas utilizadas no primeiro turno da campanha buscavam atender às exigências dessa dupla situação. O spot que foi ao ar na primeira semana da campanha ilustra exemplarmente as estratégias discursivas utilizadas para oferecer aos eleitores uma imagem de si (*ethos*) crível, orientando-se para preencher condições de: a) mostrar-se sincero, ou seja, fazer crer que o que dizia correspondia ao que pensava, mesmo quando isso lhe fosse desfavorável, como o reconhecimento de que “ainda há muita coisa para melhorar”; b) saber o que diz, na medida em que demonstrava conhecer os problemas da cidade e da população em razão de sua experiência como gestor: “na primeira vez que fui prefeito tinha 34 anos, agora, com 38, sou muito mais experiente e sei o que Fortaleza precisa”; c) apresentar bom desempenho como gestor, reconhecido pelos eleitores :

Começo esta campanha agradecendo o carinho e o incentivo que recebo todos os dias nas ruas de nossa cidade. É bom ouvir e ver que o nosso trabalho está ajudando a vida do fortalezense. Tenho muitos planos e ideias para nossa cidade e é justamente isso que me motiva a trabalhar mais quatro anos por Fortaleza, se tiver a honra de merecer o seu voto.

No programa que foi ao ar no início da campanha na TV, a voz em *off* de um locutor faz uma narrativa sintética sobre a primeira

gestão de Roberto Cláudio, atestando sua imagem de político que trabalha, que demonstrou cumprir o que promete. A própria memória do interlocutor é invocada para validar o que é dito (“Logo de cara fez as obras que a prefeitura tinha assumido para a Copa, lembra?”), ou quando finaliza a narrativa com uma indagação provocativa que pressupõe que, diante de uma obviedade, soaria absurda qualquer resposta negativa, mesmo vinda de seus opositores (voz em *off*: “Vai dizer que ele não trabalhou?”).

A constatação de suas realizações é enfaticamente ressaltada (voz em *off*):

Há quatro anos Fortaleza elegeu Roberto Cláudio prefeito, um cara novo na política e com muita energia para trabalhar. Logo de cara fez as obras que a prefeitura tinha assumido para a Copa, lembra? Mas não ficou só nisso, já no primeiro ano lançou o bilhete único.

[Depoimento de dona Josefa]: “tudo que você imagina de bom é o bilhete único”.

[...]

Depois começou a reformar 70 postos de saúde, já entregou 66, hein... Já começou a construir 18 postos novos. Contratou 360 médicos e botou os postos para funcionar de sete da manhã a sete da noite. Acabou com aquele sofrimento de cenas nas filas de madrugada para pegar uma ficha [imagem de cena datada de 2012]. E assim aos poucos o trabalho de Roberto Cláudio foi aparecendo em todos os bairros. UPAs, avenidas, escola em tempo integral, creches, mercados, praças, casas, ciclovias, corredores de ônibus, academia Enem, rede Cuca, Areninha, luz de *led*, ônibus com ar condicionado e até bicicleta compartilhada!

Em quase todos os programas é o próprio candidato que, falando em primeira pessoa, aborda os principais temas da campanha (saúde, educação, segurança, mobilidade urbana, saneamento), apresentando imagens que mostram suas realizações em cada uma das áreas em pauta.

A “comprovação” vem não apenas da força dos números, mas também da emoção dos beneficiários, que atestam as mudanças significativas que ações do prefeito trouxeram para suas vidas.

Ilustrativa é a narrativa feita pelo candidato para falar da entrega de casas populares:

– Das milhares de casas que entregamos este ano em Fortaleza, uma em especial me chamou a atenção. Antes de receber a sua casa, dona Assunta vivia de aluguel e já havia se mudado 28 vezes com seus três filhos.

[A conversa travada entre o candidato e dona Assunta acontece na varanda da casa.]

– Como é que está? feliz?

– Feliz demais!

– E os filhos, gostaram?

– Estão amando?

O candidato completa a narrativa com imagens de dona Assunta arrumando, cozinhando em sua casa:

– Hoje ela tem seu cantinho, seu endereço fixo, e tudo arrumadinho como ela sempre quis. A exemplo de dona Assunta, até o final deste ano serão 13 mil famílias com casa e vida nova em Fortaleza. Com a parceria do governo estadual e federal estamos ajudando a melhorar a vida de muita gente.

Os depoimentos são nominalmente identificados:

[Dona Maria José Lima, dona de casa] – Pra quem nunca teve nada, que nem eu, isso aqui é ouro.

[Dona Maria Arlene de Souza] – Eu agradeço muito a gestão do Roberto Cláudio porque eu mudei e deu certo. Foi uma benção na minha vida que eu recebi esse apartamento.

[Roberto Cláudio] – Para dar total transparência ao processo de distribuição das moradias, implantamos o sorteio, que é aberto e fiscalizado por instituições oficiais.

[O depoimento de dona Solange confirma o que disse o candidato] – Eu me inscrevi direitinho no Habitafor e fui sorteada. Só quem sabe o que é ter um lar é quem nunca teve.

Esperava-se que Moroni Torgan, deputado federal e ex-delegado da Política Federal – anteriormente três vezes candidato à prefeitura de Fortaleza –, indicado para vice de Roberto Cláudio em 2016, assumiria lugar de destaque na campanha, o que não aconteceu. Ele teve apenas uma breve aparição em um dos programas. O tema

da segurança foi abordado diretamente pelo candidato não como central, mas como parte do enredo de realizações na prefeitura que teriam consequências na redução da violência:

É comum as pessoas me perguntarem como a prefeitura pode ajudar no problema da segurança e eu costumo dizer que dentro dos limites da lei, a prefeitura pode ajudar bastante. Um bom exemplo está no bairro Genibaú, onde nós fizemos uma das nossas Areninhas, um dos bairros mais vulneráveis que recebeu a ação da prefeitura que recuperou e urbanizou praças, fez a urbanização e iluminou ruas. Com isso a população ocupou espaços públicos e os moradores comemoram.

Melhorar as condições de vida das pessoas nos bairros, levando escola de tempo integral, Areninhas, recuperando e iluminando praças, é a melhor maneira do prefeito ajudar na segurança.

Moroni é convocado a falar tão somente como alguém que irá ajudar na vigilância e na prevenção da violência:

[Moroni] – Com mais homens a guarda municipal vai ter postos de vigilância 24 horas, praças, areninhas e outros espaços públicos. Nossos guardas serão os olhos e ouvidos da polícia nos bairros e vão acionar o Raio sempre que houver alguma suspeita de perigo.

Novamente é o candidato que dá a conhecer suas realizações, “nos últimos três anos e meio nós já contratamos mil novos guardas municipais”. Com o respaldado das ações já realizadas, a enunciação do que pretende fazer é menos promessas e mais proposta de continuidade desejável. O interlocutor (eleitor) é invocado na forma humilde de quem solicita adesão: “Agora, se merecer a honra do seu voto, pretendo efetivar mais de 500 guardas que já estão concursados e treinados e contratar mais outros 500 agentes para implantar esse novo sistema de segurança nas praças e nos bairros de Fortaleza”.

A construção de grandes viadutos não foi enfatizada, apesar de constituir a parte mais visível de sua primeira gestão. A ênfase dada às realizações nos bairros e comunidades mais carentes da periferia da cidade é clara “resposta” à crítica de seus opositores de que era o “candidato dos ricos”: lá foram construídas creches, escolas de tempo integral, saneamento básico, areninhas, postos



de saúde. O refrão de seu jingle de campanha pressupõe a fala do próprio eleitor, que confirma e justifica uma escolha já feita: “quero Roberto quero demais, mais Fortaleza pra mim e pra você, com Roberto Cláudio prefeito pode ter certeza vai acontecer”.

Vencedora no primeiro turno, ainda que por um reduzido percentual de votos sobre o segundo colocado – Capitão Wagner –, a campanha de Roberto Cláudio no segundo turno manteve o mesmo padrão e estratégias discursivas utilizadas com sucesso no primeiro. O slogan – “Fortaleza merece” – é sugestivo: “Fortaleza merece areninhas, praças, escolas de tempo integral, corredores de ônibus, luz de *led*, avenidas, postos de saúde, ampliação do hospital da mulher e agora tem”.

No primeiro programa do segundo turno, Roberto Cláudio agradece os votos recebidos e pede o voto dos eleitores que votaram em outros candidatos no turno anterior. Com 10 minutos de duração, os programas seguem o mesmo roteiro do primeiro turno, apenas com a apresentação mais detalhada do que o prefeito fez, está fazendo e continuará a fazer.

Dessa feita, porém, ele tem que confrontar-se diretamente com o candidato de oposição, Capitão Wagner. É o que acontece no programa do dia 18 de outubro, considerado uma indesejada interrupção provocada pelo adversário:

[Roberto Cláudio] – Hoje é o dia do médico e minha intenção era abrir o programa com uma homenagem a todos que trabalham na área da saúde municipal no nobre trabalho de cuidar da vida das pessoas, mas a campanha de ataques caluniosos do meu adversário contra mim na TV, na rádio e nas redes sociais me obriga a fazer uma pausa no meu programa para colocar a verdade em seu verdadeiro lugar. A justiça já proibiu quatro comerciais ofensivos do meu adversário contra mim. Mesmo assim eu não poderia deixar de esclarecer com mais detalhes o que ele diz para convencer você, especialmente no que diz respeito à Central de Medicamentos. Usando maldosamente um trecho do meu programa, ele me acusa de ter dito que eu “construí” a Central de Medicamentos da Prefeitura, e que os medicamentos seriam destinados a todo o Estado e não apenas ao município de Fortaleza”.

A polêmica sobre o uso dos termos “construir e “montar”, mais que uma distinção semântica de menor importância, é tratada como

uma forma de afetar a credibilidade de Roberto Cláudio com a acusação de mentiroso, fatal para a imagem de qualquer político. A reprodução do programa do candidato em que fala sobre a Central de Medicamentos deixa claro que ele falou que “montou” e não que “construiu” e que os remédios seriam de fato reservados, como ele disse, apenas para os postos de saúde e Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de Fortaleza. É o próprio candidato que se dirige à Central de Medicamentos para de lá fazer a gravação que comprovaria a “verdade dos fatos”, atestada pelas imagens e depoimentos dos que ali trabalham. “Desde o início estou fazendo uma campanha limpa e é assim que vou continuar fazendo até o último dia”.

Alguns dos *spots* veiculados na última semana da campanha abordavam a participação específica da juventude, das mulheres e da população LGBT (“o amor vence tudo”). Nos últimos dias foi ao ar o *spot* intitulado “A união por uma Fortaleza melhor”: em um comício declarações e justificativas de apoio à candidatura de Roberto Cláudio, feitas pelo governador Camilo Santana, Ciro Ferreira Gomes e de outros deputados reforçavam sua imagem de político competente e trabalhador:

[Camilo] – Você, além de fazer uma Fortaleza mais bonita, que dá orgulho aos fortalezenses, você tem feito a diferença em todas as áreas: saúde, educação, mobilidade urbana, no social. É pelo bem de Fortaleza, do povo de Fortaleza, que Roberto Cláudio tem que continuar no dia 30 de outubro deste mês.

[Ciro Gomes] – Nesse momento em Fortaleza, todos os homens de boa fé, independente de nossas diferenças, sabem que Roberto Cláudio é o melhor, que tem feito a melhor administração de Fortaleza em todos os tempos. Não quero dizer que Fortaleza é o paraíso, porque isso não está disponível para a obra humana, mas em todas as áreas teve investimento sem rival na história, eu que fui prefeito digo.

### *A campanha do Capitão Wagner na TV: primeiro e segundo turnos*

Se a identidade de Roberto Cláudio, candidato à reeleição, era a única claramente situacionista, aos demais candidatos cabia a tarefa de serem reconhecidos como o opositor principal. E neste

caso destacamos três candidatos que no primeiro turno reivindicavam esse posicionamento: Capitão Wagner, Luizianne Lins e Heitor Ferreira. Na verdade a oposição era menos ao próprio candidato Roberto Cláudio e mais aos Ferreira Gomes. Além do reduzido tempo de TV, Luizianne tinha contra si dois fatores, ter sido aliada dos Ferreira Gomes e de não contar com apoio do PT estadual. Recém filiado ao PSB, e com apoio apenas de Rede Sustentabilidade, Heitor Ferreira não conseguiu no primeiro turno colocar-se como alternativa entre o candidato dos Ferreira Gomes e da Prefeita Luizianne, posição ocupada pelo Capitão Wagner.

A campanha do Capitão Wagner no primeiro turno tinha como objetivo central construir uma imagem pública que o credenciasse à prefeitura, considerando que nunca antes concorrera a cargo no poder executivo. Eleito vereador em 2012 e deputado estadual em 2014, sua imagem era de um policial que ganhara notoriedade por liderar uma greve da Polícia Federal em 2011. Outros elementos precisavam ser agregados ou amenizados para dar densidade a sua candidatura.

A principal estratégia foi apresentá-lo como uma pessoa cuja trajetória de vida, de muito esforço nos estudos e trabalho, conduzi-lo à condição de homem bem-sucedido. Uma identidade com a qual muitos pretendem se reconhecer e que com frequência influi na escolha de determinados candidatos.

É assim que ele se apresentou aos eleitores em seu primeiro programa na TV:

Eu sempre lutei muito para defender os policiais, como reconhecimento fui eleito vereador mais votado de Fortaleza e deputado estadual mais votado do Ceará. Dessa parte da minha história muita gente já ouviu falar, mas tem outra parte que pouca gente conhece.

Essa outra parte da história será contada por sua família e por seus amigos, que testemunham não quem é o capitão, mas o Wagner como pessoa. Narrativas intimistas, como as que ocorrem em conversas cotidianas.

[Dayanne Bittencourt, esposa] – Para muitos é o capitão, para mim é o Wagner. A gente se conheceu no sítio Siqueira, numa casa de forró...

[Rayane, filha adolescente] – Ele sempre foi um super-professor de história para mim.

[Capitão Wagner] – Meu sonho quando eu era criança era ser jogador de futebol. Hoje, graças a Deus eu sou uma pessoa estabilizada, tenho meu emprego bom e isso tudo foi pela maneira como encarei os estudos e o esporte.

[Marcos Paulo Ferreira, amigo de infância] – Esse tempo todo, 22 anos, ele nunca mudou.

Exemplo mais convincente da relação informal mantida com os amigos foi buscado em outras narrativas:

[Cena: candidato numa mesa de café com um casal de amigos.]

[Dalcilene] – O Brito diz assim: “Dulce, tira o capitão para dançar”. Eu fui, aí ele pisou no meu pé, ou não sei se fui eu que pisei no dele, e eu disse assim, “macho veio” não vou mais dançar porque tu pisou no meu pé. Aí o Brito disse assim, não é macho veio não, é capitão. Eu disse: “é sim, tá junto com a gente, é macho veio”. [Risadas de todos como forma de concordância.]

[Albercio Silva, amigo] – Ele conta piada, ele chora, ele se diverte com as crianças e com os amigos, ele é uma pessoa comum. Ele veio da periferia.

[Capitão Wagner] – Nasci no bairro João XXIII. Na minha vida nada caiu do céu. Vendi “dindim” pra ajudar em casa enquanto meu pai vendia doces em uma bicicleta para pagar meus estudos.

A metáfora familiar é usada na narrativa que confirma a crença do senso comum: deve-se cuidar da política como se cuida da própria família:

[Capitão Wagner] – Certo dia eu estava na casa da minha mãe, aí ela me chamou no canto e pediu que eu cuidasse de Fortaleza como ela cuidou de mim, com meu pai cuidou de mim, com as referências que a gente teve em casa, que a gente teve de respeito às pessoas e eu pretendo executar porque pedido de mãe filho não pode deixar de atender.

Outra faceta, no entanto é agregada para diferenciá-lo das pessoas comuns: a atração que exerce sobre todos, um suposto carisma: “[Esposa] – Tem amigos que se você falar, eles ficam com os

olhos brilhando, porque eu posso dizer que eles são apaixonados por ele”.

A ênfase ao diálogo, para falar de temas polêmicos e resolver conflitos é usada para contrapor-se criticamente à atuação do prefeito.

Sentado em um banco de praça, o candidato conversa com um agente da polícia municipal e um feirante da rua José Avelino, e, após ouvir os argumentos dos dois, chega à conclusão de que eles estão do mesmo lado, são trabalhadores, e que ao prefeito caberia regulamentar a situação da feira, transferindo-a para local legalmente permitido.

O mesmo acontece na conversa travada entre taxistas e motoristas de Uber, outro tema polêmico: “[Candidato] – Boa tarde, nós estamos aqui com o Thiago, que é taxista, o Riande, que é motorista de Uber, para encontrar uma solução para esse problema que se tornou um conflito”.

A posição de ouvir os argumentos de cada parte é valorizada como atributo de um bom gestor, para que tome uma posição e não fique em cima do muro (crítica endereçada ao prefeito, que optava por não desagradar nenhuma das partes).

Sua explicação sobre porque resolveu ser candidato a prefeito tem como implicatura a crítica à atuação inócua do parlamento: “Mesmo depois de ter sido vereador e deputado eu não me conformava com essa maneira de fazer política, você quer fazer, mas as coisas não andam, parece que nada muda. [...] Foi por tudo isso que aceitei ser candidato a prefeitura”.

A apresentação de suas propostas para mudar Fortaleza é quase sempre feita por meio de conversas encenadas com eleitores, confirmando a imagem de candidato que sabe ouvir as pessoas, que pensa principalmente em realizar obras sociais, recorrendo a depoimentos dos que sofrem as dificuldades que ele diz entender bem porque “a gente que vem da periferia sabe que os políticos prometem demais”. É dessas conversas que nascem as propostas do candidato: “milhões de reais estão sendo gastos para construir mais um viaduto [...] o problema aqui não é o viaduto e sim esquecer essa comunidade que está sujeita à lama e às doenças. O cheiro aqui é muito forte. Nós vamos fazer obras sim, mas para melhorar a vida das pessoas”.

A metáfora da distribuição de um bolo é utilizada em uma demonstração didática de que o prefeito em exercício governava

para os ricos: apenas uma pequena fração do bolo é o que a prefeitura teria gasto nos bairros mais pobres, ficando a maior fração para os bairros mais ricos. O candidato conclui indignado: “isso não é justo, vou governar por igual para todos os bairros, para que todos tenham as mesmas oportunidades”.

O tema da segurança é abordado mediante depoimentos de pessoas que perderam seus entes queridos, e da situação de pessoas “de bem” que estão com medo, presas em suas casas ou locais de trabalho. A elas se direciona o candidato para dizer o que vai fazer: treinar e armar guardas municipais, e usar o sistema de monitoração com câmeras nos locais públicos. O crédito ao que é proposto é buscado na viabilidade ilustrada com exemplos de sucesso em outras cidades, antes tão violentas quanto Fortaleza.

Justifica-se a estratégia discursiva central do primeiro turno, centrada na história de vida do candidato, “porque as pessoas, para votar em alguém, têm que conhecer em quem estão votando”. O argumento é o de que foi oferecida aos eleitores uma “pessoa de verdade”, de carne e osso, com sentimentos, uma pessoa comum, mas com determinação e trabalho para vencer na vida: “[Capitão Wagner] – Eu sempre fui assim. Eu só tive que fazer para as câmaras o que eu sou normalmente, a gente não precisou maquiagem nada, criar nenhum personagem. [crítica ao marketing eleitoral]”.

No segundo turno predominaram as seguintes estratégias discursivas:

a) Reforçar a imagem do Capitão Wagner como uma nova liderança para mudar a política de Fortaleza (implicatura: tirar os mesmos de sempre da política, ligados aos Ferreira Gomes):

[Voz *off*] – Em 1986 surgiu um líder no Ceará, Tasso Jereissati. Ele não era um político profissional mas sabia exatamente o que fazer para resolver o maior problema daquela época, a mortalidade infantil. Hoje o Ceará vê nascer outro líder que, como o primeiro, sabe exatamente o que fazer para resolver outro problema das nossas famílias, o da segurança. E o melhor: eles estão do mesmo lado.

[Voz *off*] – Um líder legítimo é seguido porque é admirado pela grandeza de suas atitudes [...] um líder de verdade lidera, reconhece e assume os problemas, não tenta enganar com falsas promessas. [...] Um líder de verdade lidera pelo exemplo e o que vale para ele vale pra todo mundo. A política anda meio carente de pessoas assim.

[Tasso] – Nós podemos dar apoio ao Capitão Wagner porque ele é um líder natural.

b) Desqualificar a imagem de gestor de Roberto Cláudio por meio de duros ataques envolvendo a falta de remédios nos postos; a mordomia dos políticos e assessores; as reclamações de professores, pais e alunos sobre o mau funcionamento das escolas municipais; a violência; enfim, todas as mazelas a que se atribui não tanto a falta de recursos quanto uma gestão ruim.

Confronta-se o que ele prometeu como candidato e que não teria cumprido em sua gestão, fazendo uma pergunta-desafio aos eleitores:

– Eu quero fazer uma proposta olhando nos seus olhos. Se no seu bairro tem remédio no posto, consultas e exames sem fila, se onde você mora todas as crianças estudam em escola de qualidade e podem brincar na rua sem medo. Não precisa votar em mim, mas se no seu bairro falta tudo isso, eu te peço uma chance pra fazer diferente. Vamos mostrar que sua vida pode ser bem melhor.

c) Ressaltar a importância do apoio de Tasso Jereissati e Eunício Oliveira à candidatura de oposição:

[Tasso] – Meus amigos de Fortaleza, muitas pessoas me perguntam o porquê do nosso apoio ao Capitão Wagner para prefeito de Fortaleza. Queremos um Estado mais eficiente e mais eficiente significa uma visão que o Capitão Wagner traz de reformulação da maneira de fazer a administração pública, extremamente necessária. Nas secretarias, nos postos mais importantes não se pode colocar indicados por amigos dos políticos. A administração pública tem que ser vista com o mesmo esmero com que você faz a administração da sua empresa ou da sua casa. Nós somos uma escola de formação de quadros e essa escola vai estar com toda certeza dando todo suporte ao Capitão Wagner que é um homem sério, culto, competente, mas um homem simples, um fortalezense como você, e Fortaleza precisa de um fortalezense como você.

[Voz *off*] – Um bom prefeito precisa ter apoio em Brasília, e o Capitão Wagner conta com dois grandes senadores, Tasso e Eunício.

d) Afirmar que ele é um líder, mas é também uma pessoa comum, verdadeiro. Não apenas diz que não tem preconceito, mas traz o testemunho emocionado do próprio irmão:

– Meu nome é Fábio Souza, sou irmão do Capitão Wagner. Não é fácil para mim, eu nunca conversei com ele a respeito disso, a minha família, poucas pessoas sabem. E por fazer parte desse grupo LGBT eu já sofri muito preconceito. Mas aconteceu um episódio: fui brincar o carnaval numa praia, estava com uma pessoa e ele estava lá, trabalhando como policial. [...] Ele me abraçou e disse que me amava e que estava a meu lado, isso me emociona até hoje.

## **O que dizem os resultados eleitorais**

No primeiro turno, como indicavam as pesquisas, Roberto Cláudio foi o candidato mais votado, com 524.973 votos (40,81%). O Capitão Wagner, com 400.802 votos (31,15%) foi, também como esperado, o segundo colocado. O confronto no segundo turno foi bastante acirrado, de modo especial nas redes sociais, que neste texto deixamos de analisar. Os resultados do segundo turno reelegeram o prefeito Roberto Cláudio com 678.847 votos (53,575%). A votação do Capitão Wagner, no entanto, foi alta, 588.471 votos (46,57%). A diferença percentual entre eles, 9,66% no primeiro turno, caiu para 7,14% no segundo turno. A análise do primeiro turno da campanha de Roberto Cláudio revela a ausência dos Ferreira Gomes, que certamente não foi casual, o que leva a crer que sua reeleição exigia a confirmação de sua imagem de político realizador. Somente no último programa do segundo turno, os Ferreira Gomes foram convocados para avaliar positivamente o nome do seu candidato a prefeito.

A imagem de líder e homem comum assumida por Capitão Wagner não era tão consistente como a do seu adversário. Agregar ao nome o posto militar – capitão – sugere a vinculação “com o seu povo”, os policiais, fator de restrição de seu eleitorado. Ter no início de sua carreira política liderado uma greve de policiais que paralisou a cidade em 2011 contrastava com a imagem apresentada, de “homem comum”.



Vale ressaltar que, se no segundo turno parte dos votos de Luizianne, 193.697(15,8%) e de Heitor Ferrer, 90.510 (7,4%) tivessem sido transferidos para o Capitão Wagner, candidato de oposição aos Ferreira Gomes, o resultado poderia ter sido diferente. Nenhum deles, no entanto, declarou-lhe apoio.

Nos dois turnos das campanhas de Roberto Cláudio e Capitão Wagner, as questões nacionais não foram abordadas, como se poderia esperar, considerando a conjuntura da crise política, com escândalos de corrupção da “Lava Jato” ocupando todos os noticiários, e a crise econômica cujo reflexo principal na vida das pessoas era o crescente número de desempregados.

As razões desse “esquecimento”, certamente intencional, no caso da candidatura de Roberto Cláudio, talvez possam ser atribuídas às ligações partidárias dos Ferreira Gomes com Lula e o PT, tendo como horizonte a disputa presidencial de 2018, quando Ciro pretende ser candidato à presidência.

Já no caso da campanha do Capitão Wagner, é mais difícil levantar uma hipótese plausível, se levarmos em conta que Tasso sempre fez oposição sistemática ao PT. Quanto a Eunício Oliveira, é evidente que temia, o que de fato aconteceu, delações envolvendo seu nome seu partido em corrupções da “Lava Jato”.

Dos 43 vereadores eleitos a maioria pertencia à coligação de 18 partidos que apoiaram Roberto Cláudio, sendo o PDT o que obteve o maior número de eleitos (11). Se olharmos para os resultados eleitorais nos municípios do interior do estado, constata-se que o PDT, partido dos Ferreira Gomes, elegeu 49 prefeitos, de longe o maior número. Além da capital, outra joia da coroa conquistada por um dos irmãos, Ivo Ferreira Gomes, foi a prefeitura de Sobral, maior município do norte do estado e berço político dos Ferreira Gomes.

Não resta dúvida de que os resultados eleitorais das eleições municipais de 2016 confirmam a hegemonia dos Ferreira Gomes na política cearense, que já alcança 16 anos.

## Referências

- ALMEIDA, A. C. (2008). *A cabeça do eleitor: estratégia de campanha, pesquisa e vitória eleitoral*. Rio de Janeiro: Record.
- ALMEIDA, J. (1998). *Como vota o brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Xamã.

- BEZERRA, M. O. (1999). *Em nome das bases: política, favor e dependência pessoal*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- BRAGA, L. (2013). Cid Gomes anuncia filiação em massa para o PROS. *O Estado de S.Paulo*, 2 out. 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2DV3MXd>>. Acesso em: 30 nov. 2018
- BURSZTYN, M. (1984). *O poder dos donos: planejamento e clientelismo no Nordeste*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- CARVALHO, R. V. A. (2013). *Campanhas eleitorais e comunicação midiática: ciclos de mudança e continuidade*. Fortaleza: Edições UFC.
- CARVALHO, R. V. A.; AQUINO, J. (2011). A derrota de Tasso Jereissati na disputa para o senado em 2010: como entender a dissolução de suas bases eleitorais. *Revista Debates*, vol. 5, n. 2, p. 145-80.
- CARVALHO, R. V. A.; LOPES, M. S. (2016). Duelo entre “candidatos poste”: a campanha eleitoral pela prefeitura de Fortaleza em 2012. *Revista de Ciências Sociais*, vol. 47, n. 2, p. 92-124.
- CHARAUDEAU, P. (2016). *A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas*. São Paulo: Contexto.
- COELHO, I. (2014). Pesquisa O Povo/Datafolha: Tasso lidera com 58%; Mauro tem 21%. *O Povo*, 1 out. 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2QmV8HF>>. Acesso em: 30 nov. 2018.
- DIÁLOGOS POLÍTICOS. (2014). *Quem controla os votos nos municípios do Ceará*. Disponível em: <<https://bit.ly/2TZItcx>>. Acesso em: 30 nov. 2018.
- DIÁRIO DO NORDESTE. (2010). *PSB foi o partido que mais elegeu prefeitos no Ceará*. Disponível em: <<https://bit.ly/2SmqB9Y>>. Acesso em: 30 nov. 2018.
- \_\_\_\_\_. (2014). *Convenção oficializa Camilo Santana candidato ao Governo*. Disponível em: <<https://bit.ly/2BKioHj>>. Acesso em: 30 nov. 2018.
- FERREIRA, J. G. (2009). *Suplência senatorial, uma análise da representatividade*. 2009. 80 f. Monografia (Especialização em Instituições e Processos Políticos do Legislativo) – Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento, Câmara dos Deputados, Brasília.
- FIGUEIRAS, I. (2016). Clãs políticos: famílias controlam 45% das prefeituras cearenses. *O Povo*, 07 fev. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2FOKNjx>>. Acesso em: 30 nov. 2018.
- FIRMO, E. (2014). A mais imprevisível das eleições no Ceará. *O Povo*, 1 out. 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2Spicmt>>. Acesso em: 30 nov. 2018.
- G1. (2013). *30% dos deputados do Ceará mudam de partido visando 2014*. Disponível em: <<https://glo.bo/2zvFZtB>>. Acesso em: 30 nov. 2018.
- LEMENHE, M. A. (1995). *Família, tradição e poder: o (caso) dos coronéis*. São Paulo: Annablume.

- MARTINS, J. S. (2011). *A Política no Brasil: lúmpem e místico*. São Paulo: Contexto.
- MAZZA, C. (2015). Heitor Ferrer: “O PDT virou um bom bife para um bom predador”. *O Povo*, 13 set. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2DThOsa>>. Acesso em: 30 nov. 2018.
- NEIVA, P. R. P. (2006). Os determinantes da existência e dos poderes das câmaras altas: federalismo ou presidencialismo? *Dados*, vol. 49, n. 2, p. 269-99. Disponível em: <<https://bit.ly/2Qv21qm>>. Acesso em: 30 nov. 2018.
- NEIVA, P.; IZUMI, M. (2012). Os sem-voto do Legislativo brasileiro: quem são os senadores suplentes e quais os seus impactos sobre o processo legislativo. *Opinião Pública*, vol. 18, n. 1, p. 1-21. Disponível em: <<https://bit.ly/2rdP4CV>>. Acesso em: 30 nov. 2018.
- NUNES, E. O. (2010). *A gramática política do Brasil: corporativismos e insulamento burocrático*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- O ESTADO (Ceará). (2014). *Quatro siglas comandam 77,7% das prefeituras do Ceará*. Disponível em: <<https://bit.ly/2SkgOBm>>. Acesso em: 30 nov. 2018.
- O POVO. (2014). Pesquisa: Tasso sobe quatro pontos e chega a 58%; Mauro oscila um ponto e fica com 19%. *O Povo*, 21 set. 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2PbEXYS>>. Acesso em: 30 nov. 2018.
- \_\_\_\_\_. (2016). Campanha em Fortaleza abre crise entre antigos aliados. *O Povo*, 1 ago. 2016.
- QUEIROZ, M. I. P. (1978). *O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios*. São Paulo: Alfa Omega.